



**Organizadores:**  
Telma Bessa Sales  
Antonio Jerfson Lins de Freitas

# Trajatórias de pesquisa

Os mundos do trabalho em transformação

Série  
Território  
Científico

Editora  
**SER  
TÃO  
CULT**  
10 anos



**Telma Bessa Sales** é graduada em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1997), com mestrado (2000) e doutorado (2006) em História pela mesma instituição e pós doutorado na Universidade de Évora – Portugal (2015). Tem experiência na área de História, com ênfase em História Social, atuando principalmente nos seguintes temas: Brasil, experiências sociais, memória, cultura, história oral, reestruturação produtiva e patrimônio industrial. Fez estágio na Universidade La Sapienza (Roma) sob orientação do professor Alessandro Portelli. É membro do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios no Ceará (ICOMOS-CE), do Conselho Municipal de Patrimônio de Sobral e professora adjunta do curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) desde 2011.



**Antônio Jerfson Lins de Freitas** é graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará – UFC (2007) e em História – Licenciatura Plena pela Universidade Estadual do Ceará – UECE (2004). Técnico em telecomunicações pelo Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará (CEFET-CE, atual IFCE). Especialista em Docência do Ensino Superior. Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA (2019). Cursa segunda licenciatura em Geografia pela Faculdade Estácio do Ceará e Doutorado em Geografia pela UECE. Atualmente coordena o conselho editorial da Editora SertãoCult.

**Organizadores:**  
Telma Bessa Sales  
Antonio Jerfson Lins de Freitas

# Trajetórias de pesquisa

Os mundos do trabalho em  
transformação



Sobral - CE  
2024

Editora  
**SER  
TÃO  
CULT**  
10 anos

**Trajetórias de pesquisa - Os mundos do trabalho em transformação**

© 2024 copyright by Telma Bessa Sales, Antônio Jerfson Lins de Freitas. (Orgs)

Impresso no Brasil/Printed in Brazil



Editora  
**SER  
TÃO  
CULT**  
10 anos

Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138  
Renato Parente - Sobral - CE  
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222  
contato@editorasertaocult.com.br  
sertaocult@gmail.com  
www.editorasertaocult.com.br

**Coordenação Editorial e Projeto Gráfico**

Marco Antonio Machado

**Coordenação do Conselho Editorial**

Antonio Jerfson Lins de Freitas

**Conselho Editorial de História**

Carlos Augusto Pereira dos Santos  
Francisco Dênis Melo  
Geranilde Costa e Silva  
Gilberto Gilvan Souza Oliveira  
Tito Barros Leal de Pontes Medeiros  
Valeria Aparecida Alves  
Raimundo Alves de Araújo  
Antonio Iramar Miranda Barros  
Camila Teixeira Amaral  
Juliana Magalhães Linhares  
Cícero João da Costa Filho  
Regina Celi Fonseca Raick  
Andreia Rodrigues de Andrade

**Revisão**

Antonio Jerfson Lins de Freitas

**Diagramação**

João Batista Rodrigues Neto

**Capa**

João Batista Rodrigues Neto

**Catálogo**

Leolgh Lima da Silva - CRB3/967

T765 Trajetórias de pesquisa: os mundos do trabalho em transformação. /  
Organizado por Telma Bessa Sales, Antonio Jerfson Lins de Freitas. -  
Sobral CE: Sertão Cult, 2024.

274p.

ISBN: 978-65-5421-130-7 - papel  
ISBN: 978-65-5421-131-4 - e-book - pdf  
Doi: 10.35260/54211314-2024

1. Pesquisa.
2. Ensino.
3. Trabalhos- Novas perspectivas.4. Sistemas de trabalho.
1. Sales, Telma Bessa. II. Freitas, Antonio Jerfson Lins de. III. Título.

CDD 331.117

# A série Território Científico

Marco Machado

Jerfson Lins

Editora SertãoCult

Quando o Projeto Território Científico foi concebido há mais de quatro anos, as incertezas sobre o que a pandemia da Covid-19 nos traria eram muitas. O futuro era opaco para previsões otimistas diante do quadro de milhares de mortos diariamente, apenas no Brasil.

Mas se o contexto era absolutamente assustador, pelo menos pudemos ter confirmada a resiliência dos pesquisadores brasileiros, que apesar de imersos em um cenário de carência de recursos financeiros e técnicos, ou-saram produzir como nunca, adequando-se àquela realidade, aprendendo a utilizar as ferramentas e tecnologias de informação e comunicação, paradoxalmente ficando ainda mais próximos do que antes da clausura imposta pelo vírus.

A tsunami de lives e eventos virtuais passou assim como chegou. O cansaço de assistir a intermináveis sessões diante das telas cobrou seu preço e a busca pelo contato físico suplantou o medo de sair às ruas. Parece que havia sido em outra vida que podíamos reunir centenas de pessoas em um auditório para discutir alguma pesquisa, ou simplesmente reunir meia dúzia de amigos ao redor de uma mesa para conversar sobre assuntos banais.

Parece que foi em outra vida também que, a partir da série Território Científico, a editora SertãoCult convidou os membros de seu conselho para organizarem entrevistas com renomados pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento. Muito material foi gerado a partir de tal iniciativa, um riquíssimo acervo que já originou quatro livros e agora traz à luz mais um volume, *Trajetórias de pesquisa: os mundos do trabalho em transformação*.

Em mais uma parceria, Telma Bessa e Jerfson Lins reuniram grandes pensadores, de diversas universidades, para falarem sobre o mundo do trabalho, sobre suas carreiras e pesquisas. Mais do que uma aula sobre a realidade vivida pelo trabalhador no século XXI, este livro nos permite enxergar o mundo com os olhos treinados de alguns dos mais respeitados pesquisadores da temática.

Foram, com este, cinco grandes livros produzidos e disponibilizados gratuitamente em formato e-book no escopo do projeto. Foram dezenas de entrevistadores e entrevistados e horas de conteúdo, fontes imprescindíveis para jovens pesquisadores interessados em um aprender com quem realmente sabe sobre o tema.

Brindemos a mais este sucesso! Outros estão a caminho.

Sobral-CE, abril de 2024.

# Apresentação

Há três anos nadamos nas águas profundas e agitadas enfrentando a pandemia da Covid-19 (2020-2021) no Brasil e no mundo. Em terras brasileiras, a crise sanitária foi acompanhada de uma crise política, econômica e social que expressou arroubos autoritários, posturas negacionistas e desrespeito aos direitos trabalhistas, direitos humanos, direitos de mulheres etc.

Nesses dias de tempestades de uma demora de três anos, a criatividade, a imaginação, a leveza e o uso das tecnologias informacionais e digitais adentraram em nossas casas e até hoje compõem a maneira de realizar trabalho (no universo acadêmico, por exemplo) e entretenimento.

Navegando nesse mar revolto, criamos plataformas com lives, debates, entrevistas e livros. Este, que você tem em mãos agora, é fruto dessa conjuntura, do desejo de manutenção de relações e vínculos com professores e alunos do país. É possível hoje conhecer as narrativas de intelectuais estudiosos(as) do Brasil, que se colocaram disponíveis para veicular suas trajetórias no período pandêmico do século XXI, especialmente com a temática da pesquisa sobre os mundos do trabalho.

Gratidão é a palavra que cabe para todos(as) que construíram este livro. Agradecer pelo diálogo, aprendizado, dedicação e paciência antes, durante e depois das entrevistas filmadas e que você pode verificar a partir dos links disponíveis em cada narrativa.

Boa leitura e debates a partir da categoria *trabalho*, que continua provocador e contribui na revitalização do pensamento histórico e das ciências sociais/humanas.

Os organizadores



## Sumário

### **O trabalho continua central na sociedade..... 11**

Roberto Vêras de Oliveira – UFPB

### **Uma visão interdisciplinar sobre o trabalho no século XXI..... 15**

Felipe Augusto dos Santos Ribeiro - UESPI

Doi: 10.35260/54211314-2024.p22-40

### **Uberização e crise no mundo do trabalho: entrevista com César Sanson..... 23**

César Sanson

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Telma Bessa Sales

Doi: 10.35260/54211314-2024.p42-70

### **Trabalho e gênero: entrevista com Helena Hirata..... 43**

Helena Hirata

Joannes Paulus Silva Forte

Telma Bessa Sales

Doi: 10.35260/54211314-2024.p70-94

### **“As marisqueiras estavam lá, elas por elas mesmas”: entrevista com Luiz Henrique dos Santos Blume..... 71**

Luiz Henrique dos Santos Blume

Cosma Silva de Araújo

Fannuel Santos Mesquita

Doi: 10.35260/54211314-2024.p96-125

### **Transformações capitalistas e (des)igualdades no mundo do trabalho: entrevista com Márcia de Paula Leite.....97**

Márcia de Paula Leite

Joannes Paulus Silva Forte

Telma Bessa Sales

Doi: 10.35260/54211314-2024.p126-138

**Dialogar com os diversos setores da sociedade é importante na pesquisa e ensino: entrevista com Telma Bessa Sales..... 127**

Telma Bessa Sales  
Antonio Jerfson Lins de Freitas  
Joannes Paulus Silva Forte

Doi: 10.35260/54211314-2024.p140-165

**Os sujeitos na luta pela terra: entrevista com Samuel Maupeou.....141**

Samuel Maupeou  
Telma Bessa Sales  
Viviane Prado Bezerra

Doi: 10.35260/54211314-2024.p166-186

**O sindicalismo e o mundo do trabalho: entrevista com Marcelo Badaró Mattos.....167**

Marcelo Badaró Mattos  
Cosma Silva de Araújo  
Viviane Prado Bezerra

Doi: 10.35260/54211314-2024.p188-206

**“Não dá para pensar a sociedade sem trabalho”: entrevista com Clarice Speranza..... 189**

Clarice Gontarski Speranza  
Fannuel Santos Mesquita  
Viviane Prado Bezerra

Doi: 10.35260/54211314-2024.p208-222

**Pesquisa e empatia no mundo do trabalho: entrevista com Antonio Bosi..... 209**

Antonio de Pádua Bosi  
Fannuel Santos Mesquita  
Viviane Prado Bezerra

Doi: 10.35260/54211314-2024.p224-242

**“Boas questões fazem boas pesquisas”: entrevista com Fabiane Popinigis.....225**

Fabiane Popinigis  
Antonio Jerfson Lins de Freitas  
Cosma Silva de Araújo

Doi: 10.35260/54211314-2024.p244-265

**“Seria estranho se eu não tivesse optado por estudar o trabalho”: entrevista com William Mello.....245**

William James Mello  
Antonio Jerfson Lins de Freitas  
Cosma Silva de Araújo

**Índice Remissivo.....267**

**Entrevistadores..... 273**



Doi: 10.35260/54211314-2024.p70-94



**Luiz Henrique dos Santos Blume** é graduado em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1994), com mestrado (1998) e doutorado (2011) em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É professor adjunto da Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA, onde leciona desde 2004. Tem experiência na área de História, com ênfase em História Regional do Brasil, atuando principalmente nos seguintes temas: memória, história oral, modernização, marisqueiras, história do Brasil, Jacobina e Ilhéus. Atualmente pesquisa sobre as memórias sobre a ditadura de 1964-1985 em Ilhéus.

## “As marisqueiras estavam lá, elas por elas mesmas”: entrevista com Luiz Henrique dos Santos Blume<sup>1</sup>

*Luiz Henrique dos Santos Blume*

*Cosma Silva de Araújo*

*Fannuel Santos Mesquita*

**Telma Bessa (UVA):** Boa tarde! hoje é dia 18 de maio de 2020. Nós estamos desde o dia 16 de março em quarentena, em isolamento social devido a uma pandemia. Essa é a conjuntura mundial que nos exige muita resiliência, em que nós possamos construir um bem-estar e fortalecer os nossos diálogos. Então, dentro desse desafio, nós, junto com a Editora SertãoCult, estamos com esse projeto que se chama “Território Científico”, que é exatamente dialogarmos com os estudiosos, com os pesquisadores sobre diversos temas. Hoje conversaremos com o professor Luiz Blume, da Universidade Estadual de Santa Cruz, no Sul da Bahia (Ilhéus). Aquele Paraíso! Nós já realizamos vários eventos lá. Então o Professor Luiz vai se apresentar um pouco para a gente. Tudo bem?

**Luiz Blume (UESC):** Boa tarde! Obrigado pelo convite. Meu nome é Luiz Henrique dos Santos Blume. Eu sou professor da UESC, Universidade Es-



<sup>1</sup> Entrevista realizada via *Google Meet* em 18 de maio de 2020  
Confira a entrevista utilizando ou clicando no QR Code ao lado.

tadual de Santa Cruz, que fica em Ilhéus, no eixo Ilhéus/Itabuna. Eu fiz minha graduação na Faculdade de Ciências e Letras, na UNESP, campus de Assis. Depois eu fiz o mestrado e o doutorado na Pontifícia Universidade São Paulo, na PUC. O mestrado foi sobre reforma urbana e cortiços no final do século XIX. Tive como orientadora a Professora Yara Khoury. E o doutorado sobre histórias de vida de marisqueiras, em Ilhéus, que ficou um título longo: “*Viver de tudo que tem na maré: tradições, memórias de trabalho e vivências de marisqueiras em Ilhéus, BA, 1960-2008*”. Esse trabalho foi minha tese, orientada pela Maria do Rosário Peixoto. Eu defendi a tese em julho de 2011 e retornei às minhas atividades. A gente sabe que depois que volta do doutorado, quatro anos sem dar aula, só pesquisando, a gente volta com uma carga enorme. Então, nesse meio tempo, eu fui publicando algumas coisas, alguns artigos sobre a tese. Agora a gente está na fase de finalização de publicação da tese toda. Espero que depois dessa pandemia ela possa acontecer, ela possa sair! Foi um edital da Fundação Cultural do Estado da Bahia que nós concorremos, eu e mais três autores. A professora Gal Meirelles é que organizou. Ela que é a responsável por isso. Espero que seja legal! E os quatro livros são sobre a temática dos pescadores ou comunidades ribeirinhas, comunidades litorâneas daqui da Bahia.

Também tenho uma inserção social bastante ativa na Universidade; faço parte atualmente da Diretoria do ANDES, Sindicato Nacional de Professores Universitários. Tenho atuado um pouco com os movimentos sociais, sempre na perspectiva do diálogo. O que não é sempre muito fácil, porque nossas atividades são muitas. A gente dá aula e faz mais um monte de coisas. Então, gosto muito desse diálogo com colegas, com pesquisadores, com gente de várias áreas porque acho isso importantíssimo. Já fiz parte da direção da ANPUH/Bahia. Fui presidente da ANPUH em 2005. Sempre tenho participado dos encontros da ANPUH. E na nossa ANPUH/Bahia, sempre faço questão de participar tanto do simpósio de ensino, como do Simpósio Estadual de História da ANPUH/Bahia. Faço parte, junto com Wellington Castellucci, de um grupo de pesquisa que é *História Regional*, que tem duas linhas de pesquisa, e uma das linhas diretamente envolvida com trabalhadores, movimentos sociais e populações litorâneas.

A gente está vinculado à UNEB, por que o professor Wellington é professor do Programa de Pós-Graduação da UNEB. O Grupo de pesquisa está vinculado lá, mas estou procurando ainda encontrar pessoas parceiras que

a gente possa falar mais sobre essas relações entre história, ética, política, movimentos sociais, trabalhadores, mundos do trabalho, porque acho que isso é importantíssimo. Então, quando a Telma combinou, fiquei meio assim: “Será que eu estou à altura para fazer parte do grupo?” Então, vamos lá, vamos tentar colaborar!

**Telma:** Realmente está sendo comum os nossos interlocutores, além de terem esse olhar acadêmico, teórico, sobre *os mundos do trabalho*, também terem uma preocupação com as questões sociais e com envolvimento social. Então esse diálogo entre teoria e prática também está muito presente. É uma das primeiras questões, professor Luiz: qual a motivação que o senhor teve para se envolver com essa temática dos *Mundos do Trabalho*?

**Luiz:** Eu era professor de uma outra universidade estadual, aqui no interior também, na UNEB, e pedi uma transferência aqui pra Ilhéus por questões pessoais. E tinha o interesse sempre de estudar pescadores artesanais. A família de minha mãe é uma família de pescadores. São caixaras, no litoral norte de São Paulo, no bairro da Caçandoca, em Ubatuba. E quando eu vim para Ilhéus eu pensei: “Eu quero estudar esses pescadores aí, porque eu sei que tem uma presença ainda importante. A gente vê pescadores na cidade”. Então começou com esse interesse mesmo, pessoal, meio que familiar também, buscando essas experiências. Eu cheguei em 2004 e comecei a buscar isso. Queria estudar os pescadores. Inicialmente vinha com uma perspectiva de estudar as colônias, os sindicatos, porque eles trabalham, organizam os pescadores e aos poucos a gente foi percebendo uma história social, a presença de mulheres, de marisqueiras e que elas estavam muito mais presentes. E que embora, não estivessem nas colônias, não aparecessem, elas estavam presentes na cidade, seja vendendo mariscos, seja pescando, mariscando, seja catando filé, extraindo filé do marisco. E aí, a gente começou a buscar isso, a procurar esses pescadores, essas pescadoras, e fomos meio que adentrando.

Inicialmente eu pegava o ônibus quando saía de casa para ir pra UESC, morava em um lugar que se a Telma visse ia dizer: “ Oh! que lugar bonito mesmo!” Ele era bonito. Era o encontro de três rios e o mar. Era Baía do Pontal, bairro da Sapetinga. Era um mangue, na verdade. E a gente sempre via os pescadores ali, quando a maré estava baixa, né?! Quando a coroa aparecia, as pessoas pescando. Isso era uma coisa que a gente via, quan-

do era criança em São Vicente, nos fundos das cidades, nos mangues tinha muitos pescadores. Um tio que levava a gente para ir pescar, passar rede... Com o processo de urbanização, isso nunca mais vi. Comecei a ver que isso era muito presente na cidade! A gente saindo de casa, lá na Baía do Pontal, passando pela praia, a gente via os pescadores. Indo para a UESC, a gente passava pela ponte, no rio Cachoeira, que também tinha muitos pescadores que mariscavam debaixo da ponte. Então, a presença de pescadores é uma presença visível na cidade. Diferentemente daquela região que os pescadores vão ao mar, que tem muitos também, mas a presença desses pescadores que pegam jereré, que catam marisco com a mão, era muito visível. Então, isso me chamou bastante atenção. Aí, eu comecei a estudar um pouco, a buscar a história desses pescadores aqui de Ilhéus. Não foi tanto uma incursão teórica: “Agora vou discutir a história social do trabalho, com Hobsbawm, Thompson...”. Fui buscar essa história de pescadores, vendo-os na cidade, vendo que eles tinham uma presença muito forte, marcante. Era visível esses pescadores na cidade. Então, foi por aí que eu fui entrando nesse mangue.

**Fannuel Santos (UVA):** Vi que antes de entrar nessa *história social do trabalho*, com as marisqueiras e marisqueiros, teve a sua pesquisa de mestrado, que foi sobre a reforma urbana em Santos, e aí eu me perguntei o que lhe levou a pesquisar essa reforma urbana em Santos, no final do século XIX, antes de entrar na história social?

**Luiz:** A gente costuma dizer que é a pesquisa que escolhe a gente, não é a gente que escolhe a pesquisa. Então, tem uma questão importante de novo. As nossas experiências são muito presentes naquilo que a gente faz, naquilo que a gente, por vários motivos, acaba embarcando. Sou da Ilha de São Vicente. São Vicente e Santos são cidades vizinhas. Santos tem o maior porto da América Latina. E me lembro, nessas lembranças de infância, algumas vezes que a gente ia passear, havia o porto. E o porto de Santos realmente é uma coisa incrível. Ele é uma cidade. O maior porto da América Latina. Mas para além disso, tem uma outra cidade, uma cidade que está sempre em movimento. Uma cidade que, para a gente, quando é criança... você tem trem, você tem navio, você tem gente andando, você tem caminhão, você tem muitas pessoas entrando e saindo, vivendo aquilo ali. Alguns passeios que a gente fazia com o pai, quando a gente era criança, isso fica na sua memória e, quando chega o final da graduação,

you think: "What am I going to study?" Here, I read a text by Michelle Perrot, in that "Excluded from history"<sup>2</sup>, where she talks about the workers and the housing, in the 19th Century. Then I was fascinated, I fit completely into that text, into that article of hers. She said: "Damn! I lived this! This thing about the workers' housing, in the workers' houses. My house was a workshop, then, the people always lived in this relationship between the house and the work. Then, I think that these questions ended up leading me to look for this period, in the final of the 19th Century, the Porto de Santos. The urban reforms happen in this period in Brazil, in the final of the 19th Century, both the construction of the Porto as well as the proper sanitary reform, organized in Santos by Saturnino de Brito, who was a great sanitary engineer who had a great reference for all of Brazil. His son came to do a project of sanitation here for Itabuna, in the decade of 1920. Incredible this!

And why the tenements? Why the housing of the poor population? Why did I understand that it was important to talk about the Porto? Why all those readings that the people had in the final of the Century... O Chalhoub<sup>3</sup>, the proper Michelle Perrot, who makes a lot of this relationship between Porto and city. I lived in a city that had passed through the urban reform and had the biggest port of Latin America, then there were objective conditions to do a research. Here, it was that I did the work in the master's degree. It's a social history. It doesn't seem to be a social history. Remember that what Bloch says, "The historian is equal to the ogre of the legend: fareja carne humana"<sup>4</sup>. Then, the people are talking about people. Always we are talking about people. It doesn't help the people wanting to do a history that doesn't talk about people, about subjects, that was a concrete historical experience, of people who existed. Then, I became very admiring because in my city, in Santos, the people had very little regional history. Like I did history in Assis, far from

---

2 PERROT, Michelle *Os excluídos da história: Operários, mulheres, prisioneiros* - São Paulo, Paz e Terra, 1988. Coletânea de artigos organizados por M. Stella Bresciani.

3 CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. São Paulo, Cia das Letras, 1996.

4 "[...] o objeto da história é, por natureza, o homem. Digamos melhor: os homens. Mais que o singular, favorável à abstração, o plural, que é o modo gramatical da relatividade, convém a uma ciência da diversidade. Por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem, [os artefatos ou máquinas], por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, são os homens que a história quer capturar. Quem não conseguir isso será apenas, no máximo, um serviçal da erudição. **Já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça**" (BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001).

**Sempre estamos falando de pessoas. Não adianta a gente querer fazer uma história que não fale de pessoas, de sujeitos, que era uma experiência histórica concreta, de pessoas que existiram.**

minha cidade, quando eu retornei, eu fui buscar essas referências e percebi que tinha poucas referências que falavam da história de Santos, sem uma perspectiva que fosse endeusar o saneamento, o urbanismo, tudo o que foi feito. É claro que foi diferentemente do que foi o Rio de Janeiro, com o Pereira Passos, mas teve um processo muito

grande. Um processo social, um projeto de mudança radical da cidade.

Entre outras coisas, uma coisa que ficou assim, para alguém estudar, é “*onde foram parar os trabalhadores negros da cidade?*” Santos tinha um terço da cidade de ex-escravos. Em 1886 a cidade aboliu a escravidão e era a rota de fuga dos quilombos que vinham de São Paulo. E esses ex-escravos foram parar no Jabaquara, que é onde hoje está o estádio do Santos. Tinha uma pedreira lá, que fornecia o material para a construção do porto. Teve um vereador eleito, Quintino de Lacerda, um vereador negro, ex-escravo eleito para a Câmara de Santos, mas que de repente, nesse processo de urbanização, isso desaparece. Essa história desses trabalhadores desaparece! Eu fiquei com um período anterior, de 1880 a 1910, que foi o processo mesmo, dessa grande revolução da cidade, em que a cidade aumentou duas vezes de tamanho, diminuiu com a presença de imigrantes, de trabalhadores nacionais. Então, foi um período que você tinha um padrão de moradia muito irregular e que, diferentemente do que a gente pensa, o Banco de Santos era proprietário da maior parte dos cortiços. Um banco! A gente vai vendo essa história, um pouco como o Chalhoub, na *Cidade Febril*, a gente vai vendo como as coisas vão se encaixando. E para mim, foi muito importante, porque a gente tinha um grupo de colegas que encarou essa nova perspectiva de História. A gente tinha um grupo de estudos no núcleo da UNESP, em São Vicente, o CEPEL,<sup>5</sup> e que a gente foi buscando isso daí. Eu estudei cortiços e reforma urbana. Valmir Carlos Bispo dos

---

5 CEPEL – Centro de Ensino e Pesquisa do Litoral Paulista, vinculado à UNESP - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. No CEPEL, a equipe de pesquisadores atuava com formação permanente de professores e diversas outras modalidades de extensão. Posteriormente, a Unesp criou o campus do Litoral Paulista, e a experiência do CEPEL deu lugar aos cursos de graduação. Em 2001 foi aprovada pelo Conselho Universitário da UNESP a implantação do Curso de Ciências Biológicas – Bacharelado com Habilitações em Biologia Marinha e Gerenciamento Costeiro - no Câmpus do Litoral Paulista (CLP/SV).

Santos, estudou as irmandades negras. José Dionísio de Almeida, estudou os loucos. Dulcineia de Oliveira Gomes estudou, posteriormente, o trabalho da educação profissionalizante como uma tentativa de organizar essa classe trabalhadora. Foi bom porque a gente fez uma esfera, um pouco que um grupo, cada um fazendo algumas questões e todo mundo fez lá na PUC, em São Paulo, no período de 1996-1998, foi um período importante para mim. Acho que foi uma formação social. Foi lá que conheci Telma Bessa Sales também, naquela época. O que a gente tinha era muito bom. A gente trocava, parecia que era realmente um troca. A gente conhecia a pesquisa de todo mundo, se intrometia, dava palpite, conversava, ajudava. Então, nesse momento de convívio de pesquisador, eu aprendi muito. Foi isso, né?! Todo mundo acabou se ajudando, todo mundo aprendeu bastante naquele período.

**Cosma Araújo (SME - Sobral):** Boa tarde! No mestrado, você falou de Santos do Século XIX, e na sua pesquisa no doutorado você falou das marisqueiras da década de 1970 até 2008. Eu queria saber como é que foi esse redirecionamento teórico-metodológico, porque são recortes muito diferentes e que, portanto, exigem tipos de fontes diferentes. Então, eu gostaria que você falasse sobre isso, sobre o redirecionamento, sobre o encontro com as marisqueiras. Como que se deu a escolha dos entrevistados?

**Luiz:** Foi uma virada não só de século, mas totalmente de postura. Eu comecei com uma pesquisa e terminei com outra. Eu comecei com algumas premissas e abandonei no meio do caminho, com muita insistência, depois de errar muito e insistir muito no erro. Porque diferentemente de quando a gente trabalha o século XIX, que as fontes são mudas, elas só respondem aquilo que nós perguntamos, só respondem as perguntas que nós fazemos, com a História Oral, as pessoas respondem mesmo. [*Risos*]. Elas falam mesmo! Elas têm voz, como diz o Portelli. E, assim, a perspectiva da História Oral é primeiro que a gente tem que ter a postura do diálogo. Nós temos que pensar nessa tradição oral como aquele que escuta. Então, nós temos duas orelhas e uma boca, isso significa que a gente tem que escutar mais e falar menos. Esse é um aprendizado que a gente acaba tendo, mas é muito penoso, porque a gente, que é das Ciências Sociais, das Ciências Humanas, nós que somos formados com uma instrução teórico-metodológica, a gente é muito cheio de certezas. Então, a gente acaba

desconstruindo essas certezas no meio do caminho. O que acho que é muito bom!

Então, como eu falei, eu vim para Ilhéus, eu queria estudar pescadores. Era a minha ideia já, desde sempre. No mestrado eu tinha perspectiva de estudar a história da cidade, a história de Santos, mas o que eu queria estudar era a história dos pescadores até um pouco para, não me reencontrar, mas dialogar com a história da minha família, a família da minha mãe. Família de caiçaras, de pescadores e agricultores lá de Ubatuba, Litoral Norte de São Paulo. Então, eu queria estudar pescadores. E aí, como a gente faz? Bom, como a gente começa com a História Oral? Às vezes assim, você tem um pouco da fortuna também, sorte também, sempre tem. Aí quando eu estava vindo para cá, para Ilhéus, na semana que eu estava vindo pra cá, meu pai me disse que encontrou uma pessoa que serviu no quartel dele, serviu o exército com ele em 1945 e que o filho dessa pessoa estava gerente numa Colônia de pescadores em Ilhéus. Pensei: “tem algumas coisas aí para a gente começar”. Porque eu sou muito tímido, eu não sei chegar nas pessoas e dizer: “Dá pra você dar uma entrevista aí pra mim?” Ou então, chegar numa entidade e nunca deu certo. Vou lá no local X, no horário X, vou perguntar com o doutor fulano, com alguma pessoa, alguma autoridade, alguém da direção da entidade... Nunca dá certo. Parece que tem alguma coisa. A pessoa não atende direito ou não quer. As entrevistas que deram certo foram aquelas que a gente foi organizando através de contatos pessoais. Então, meu pai encontrou essa pessoa que disse que o filho dele estava gerenciando a colônia de pescadores. Perguntei o nome. Era Márcio. Então, vamos lá bater na colônia e me apresentar: “Eu sou o filho do seu Henrique, que serviu no quartel com seu pai, o seu Vargas, lá em 1945, e quero conhecer seus pescadores”.

E a entrada foi forte. Porque a gente da universidade, mesmo com as boas intenções que a gente tenha, a gente tem um pouco de resistência da sociedade. Certa parte tem razão, outra parte não, mas o fato é que a gente carrega com a gente essa figura do Estado. Embora a gente não tenha nem poder na universidade. Era um simples professor, tinha acabado de chegar! Então, o fato de conhecer, de ter essa interligação me ajudou a entrar na colônia. Eu poderia ter entrado lá, buscado o endereço... Aí, o Márcio, com essa referência, abriu um pouco as portas para mim, indicou algumas pessoas para a gente conversar, para fazer a entrevista. Aí, anotei.

Fiz uma pré-entrevista com ele, como a gente sempre faz. Bom, eu quero começar a estudar um tema, mas não sei se esse tema tem viabilidade. Então, o que a gente faz? A gente faz uma primeira entrevista que é exploratória. É uma entrevista pra ver se aquilo que a gente acha, se tem razão, algum espaço para seguir. Fiz essa entrevista exploratória com Márcio Vargas, que era o gerente da Z-34<sup>6</sup>, perguntando algumas coisas que vinham a partir da leitura. Aí, o principal era o Antônio Carlos Diegues, que é o estudioso da socioantropologia marítima, um cara que estuda pescadores no Brasil. Eu li, tinha essas leituras do Diegues, que sempre se pautava na relação entre a pesca artesanal e a pesca industrial. A pesca artesanal como um trabalho rural, trabalho agrícola. E os pescadores estavam em campo, que é diferente dos trabalhadores embarcados e a pesca industrial desenvolvida pelas grandes empresas. Eu tinha um pouco essa visão, essa perspectiva teórico-metodológica. Fui entrevistar o Marcio, fiz aquela entrevista exploratória, aí ele me indicou algumas pessoas.

**Bom, eu quero começar a estudar um tema, mas não sei se esse tema tem viabilidade. Então, o que a gente faz? A gente faz uma primeira entrevista que é exploratória. É uma entrevista pra ver se aquilo que a gente acha, se tem razão, algum espaço para seguir.**

Eu tinha uma aluna, que era minha bolsista no projeto, e o tio dela morava no bairro que tinha uma vizinha que era marisqueira. Ao invés de entrevistar primeiro a pessoa que a colônia indicou, fui entrevistar, junto com a Fabiana de Santana (minha bolsista, depois ela fez o mestrado nisso também), a vizinha do seu tio, lá no Bairro Teotônio Vilela, um bairro periférico daqui de Ilhéus, que tem boa parte de trabalhadores rurais que vieram ali do campo, com a crise da lavoura do cacau no final dos anos 1980, e ocuparam esse bairro. Então fomos lá entrevistar a vizinha do tio da Fabiana, a dona Júlia, que era marisqueira, uma pescadora. Aí, quando a gente chegou lá no lugar, eu não tinha carro, estava de ônibus, e lá fomos a pé. Fui na casa de Fabiana, que foi na casa do tio dela, e fomos na casa do vizinho

6 Colônia de Pescadores e Aquicultores Z-34, fica no bairro do Malhado, em Ilhéus. Existe também a Colônia de Pescadores Z-19, a mais antiga em funcionamento na cidade, no bairro do Pontal, e foram criadas duas associações: APESMAR - Associação de Pescadores e Marisqueiras do bairro São Miguel, e a AMMA - Associação de Marisqueiras do Alto do Mambape, com as quais conversei para a pesquisa.

do tio. Então, são contatos pessoais mesmo. Você vai escutando pessoas que alguém disse que você vai encontrar. A gente foi fazer essa primeira entrevista com as marisqueiras, aí, ao invés de entrevistas individuais, foi entrevista em grupo. Então, estava lá a dona Júlia, que era vizinha do tio da Fabiana, o marido dela, que era seu Gileno, que era pescador aposentado, a filha dela, a Maria Helena, que também era marisqueira, e a dona Tertulina, que era a vizinha da vizinha do tio da Fabiana. E estávamos conversando ali, 20 minutos conversando, e a gente começava perguntando coisas técnicas: O que é mariscar? Como é que você pesca? Quais são as artes da pesca? Porque isso é um pouco do que a gente lê na bibliografia. De repente a dona Tertulina, que estava dentro de casa, numa sala, numa janela (a gente estava num terraço pra fora da casa, mas ainda dentro da casa, que estava coberto), dona Tertulina estava ali 20 minutos observando a gente. Ela sai com uma armadilha de pesca, que é um manzuá, e disse assim: “O manzuá é isso aqui. É assim que funciona”. Porque a gente estava perguntando como era, como é que faz... E outra, com aquela insistência de pesquisadores. Bom, tem que contar o detalhe: “mas me diz como é que é! E essa cordinha?” E aí, a mulher veio, saiu lá de dentro e trouxe o manzuá e disse: “Isso aqui é o manzuá, funciona assim, o caranguejo entra aqui...”. Peraí! “Que moça é essa que saiu? Estava escondida?” E de repente, dona Tertulina saiu. A gente vai conversando, mais uma hora de conversa, uma entrevista longa, quatro pessoas e nos despedimos. A primeira entrevista... Isso foi em 2005.

Teve essa entrevista com esse grupo de marisqueira. E quando a gente vai escutando a entrevista, vai transcrevendo, pensei: “essa mulher ficou escondida por 20 minutos? Por que essa mulher ficou escondida e depois apareceu?” Aí, escutando a entrevista de novo, no final, eu pergunto: “o que vocês acham que eu devia fazer?” Ela diz: “Acho que vocês deviam fazer a pesquisa que vocês estão fazendo aí!” Que pesquisa? Quer dizer, a gente vai fazer pesquisa, mas a ideia de pesquisa dela é fazer uma pesquisa para saber quem era marisqueira de verdade, porque eles estão pedindo o seguro defeso e aposentadoria e dona Tertulina tinha pedido a aposentadoria dela como pescadora, como marisqueira. Foi no INSS um dia, bem de madrugada, por acaso, nesse dia eu também estava na fila do INSS para resolver uma questão pessoal. No final das contas, nessa agência do INSS, a maioria das pessoas não foi atendida porque era ano eleitoral

e tinha um esquema de vendas de lugar na fila, aí, eu fiz um escarcéu, eu e minha esposa, e exigimos que todo mundo que estivesse ali, fosse atendido. Só que o pedido dela foi negado, aí, ela estava achando que eu estava fazendo uma pesquisa para o INSS ou para a Colônia de Pescadores para saber quem era pescador de verdade. Rapaz! Para a gente descobrir isso aí e voltar esse nó, esse fio... A gente acha que não somos ninguém, ninguém me conhece. Quer dizer, a mulher me viu em uma única situação, ela estava lá presente, e aí, percebemos assim, a dona Tertulina queria mostrar pra gente que ela sabia, que ela era marisqueira. Apesar dela não ser de família de marisqueira, apesar dela ter aprendido as artes da pesca com o marido dela. Diferentemente de dona Júlia, que já nasceu na família de pescadores, de seu Gileno, que também que era de família de pescadores, de Maria Helena, que era filha de pescadores. Então, quer dizer, uma questão que a gente coloca é pensar pra quê que a gente faz a pesquisa? E como é que a gente chega. Então, é aquilo que a [Luiza] Passerini fala da intersubjetividade. Tem um elemento da intersubjetividade que é presente, porque ela diz assim: “a entrevista, a fonte oral é atravessada pela relação entre sujeitos”. Não adianta a gente querer aparecer no lugar, na casa da marisqueira, como se eu fosse uma tábula rasa ou uma pessoa neutra e dizer: “vou coletar depoimentos”. Não! A gente não coleta depoimentos, a gente faz uma conversa, e quando a conversa é boa, a gente procura fazer um diálogo. Aquilo que o Portelli chama de “experimento em igualdade”.

Dona Tertulina, marisqueira, pediu a aposentadoria pelo o INSS, que negou dizendo que ela não tinha as qualidades, os requisitos de ser pescadora de marisqueira. Eu estava lá como professor da universidade, Fabiana também, arguindo, perguntando o que era ser pescador, o que era ser marisqueira, como é que deveria ser, como era o trabalho para elas, que sabiam, que tinham essa experiência. De repente, começam a entrar os sujeitos, as marisqueiras. Eu não fui lá com uma posição neutra. Antes, eu pensei que eu fosse lá com uma posição neutra, que

**Não adianta a gente querer aparecer no lugar, na casa da marisqueira, como se eu fosse uma tábula rasa ou uma pessoa neutra e dizer: “vou coletar depoimentos”. Não! A gente não coleta depoimentos, a gente faz uma conversa, e quando a conversa é boa, a gente procura fazer um diálogo.**

eu pudesse ir com posição neutra, mas na minha condição do lugar, que eu estava, a minha condição de pesquisador, de professor da UESC, de pessoa que faz perguntas, que faz uma pesquisa, como dizia Tertulina, já me colocava nessa questão da relação intersubjetividade. Quer dizer, a investigação tem um tecido de narrações pré-existentes. Quem somos nós, enquanto sujeitos se colocando naquele lugar, naquele momento? Então isso é importante a gente perceber, saber que existe um antes, e que nós não chegamos lá de forma neutra, como se fossem pessoas coletando informações. É uma entrevista. E se a gente consegue fazer da entrevista um experimento em igualdade, ótimo!

Então, tinha uma questão objetiva para dona Tertulina: ela não conseguiu se aposentar como pescadora. O INSS, um agente do Estado, negou o pedido dela. Vem um professor da Universidade fazer pergunta para esse grupo sobre o que é ser pescador, o que é mariscar... Ela se sentiu na condição de nos estudar. Ela literalmente ficou por 20 minutos nos estudando, querendo saber quem a gente era, ou seja, aquilo que o Thomson diz: a entrevista é uma coisa também entre sujeitos. Somos, pesquisadores e entrevistados, todos sujeitos. Nessa relação da intersubjetividade, temos os nossos papéis sociais, que nós carregamos, e estão presentes ali! Então, a entrevista é o encontro de pessoas e quanto mais a gente consegue fazer esse encontro de pessoas ser um encontro realmente franco, honesto, direto, melhor. E aí essa ideia da rede, de puxar as relações, se não, por que a dona Tertulina vai responder questões para pessoas que ela nem conhece? Um cara que vem aí, da universidade, não é nem daqui, tem sotaque diferente, branco, como é que ele vem aqui?

Então, assim, como é que a gente chega nessas pessoas? Ser um pouco franco também, né?! Ser um pouco direto, ser um pouco honesto. Eu não fui totalmente honesto porque eu não disse o objetivo de verdade, que era o que eu queria de verdade. Na última entrevista que a gente fez nesse projeto, com a dona Rosimeire, eu comecei assim: “É, eu também sou neto de pescador!”. Ela respondeu: “É? Que gosto!” Eu senti que ali a coisa ia ser diferente. Por que? Encontrei a dona Rosimeire através dessa pesquisa com as marisqueiras do Teotônio Vilela e isso gerou uma organização delas. A Fabiana continuou fazendo entrevistas com ela, que culminou na monografia e depois no mestrado... [eu] fui para o doutorado. O tempo passou. Aí a colônia percebeu que tinha gente fazendo entrevista com essas

marisqueiras e acolheu a demanda da dona Tertulina. A dona Tertulina conseguiu se aposentar. Aí, eu fiz uma outra entrevista com elas, a primeira em 2005 e uma segunda em 2008. As questões que ela colocou na primeira foram completamente diferentes daquelas que ela colocou em 2008. Quer dizer, em 2005 ela estava lutando para ser reconhecida como marisqueira, pois o INSS não reconhecia, a colônia também não reconhecia a presença daquelas mulheres, a prefeitura também não. E aí, assim, os sujeitos que estão envolvidos aí... Tinha as marisqueiras, mas tinha os dirigentes da Colônia. Tinha o presidente da colônia, que também era vereador pelo PPS, o presidente da colônia era vereador, depois virou secretário de agricultura e pesca do município. Tinha a universidade, tinha um projeto com a colônia para desenvolver jangada de fibra. Tinha um projeto do Estado para construir jangada de fibra. Tinha vários agentes ali. E as marisqueiras estavam lá. Elas por elas mesmas! Ninguém tinha buscado a presença dessas mulheres. Como a gente começou a futucar, começou a ir lá fazer as entrevistas, isso chamou a atenção de outras pessoas. Aí, uma estudante de jornalismo, Jaqueline, ela fez o TCC dela sobre a história das marisqueiras do Vilela. Aí, foi lá, fez um filme belíssimo, documentário *Marola*.<sup>7</sup> Aí, começou. Eu participei de um dia dessa filmagem, filmando a dona Rosimeire. Eu não conhecia dona Rosimeire. Aí, eu fui lá, me encontrei com Jaqueline. A Jaqueline filmou a entrevista com dona Rosimeire e eu marquei de encontrar dona Rosimeire dois dias depois, só que eu não fui. Alguma coisa aconteceu e eu não consegui chegar a tempo da entrevista. Perdi o dia da entrevista. Aí, fui dois dias depois. Dona Rosimeire me disse: “É, eu estava esperando o senhor. O senhor não veio”. Eu falei: “Puxa vida!”

Uma outra questão é o compromisso que a gente tem. O compromisso ético, porque as pessoas estão dando o tempo da vida delas. A expectativa que a gente gera nesses sujeitos, qual a demanda que a gente gera? De repente vem uma moça da universidade, que também era repórter de uma TV local, então, as pessoas conheciam a Jaqueline. Eu não conhecia,

**Uma outra questão é o compromisso que a gente tem. O compromisso ético, porque as pessoas estão dando o tempo da vida delas. A expectativa que a gente gera nesses sujeitos, qual a demanda que a gente gera?**

7 CERQUEIRA, Jaqueline. *Marola*: seguindo o curso das águas. TCC (Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação Social) - UESC/Curso de Comunicação Social, Ilhéus, 2008. Cor, 13' (aprox.).

pois não assistia TV. Mas as pessoas sabiam que a Jaqueline era a moça da televisão Record, da TV Aratu. Ela já era jornalista, já trabalhava, mesmo não sendo formada ainda. Aí, são outros sujeitos que... Aí está a relação da intersubjetividade. São muitos sujeitos que estão envolvidos. Não é só você e a pessoa que você está entrevistando. Então, esses textos, essas questões colocadas, as nossas experiências nesse momento da entrevista se cruzam. Esse é um momento riquíssimo. Então, como a gente faz? Não tem forma! Não tem receita, não tem metodologia. Tem intuição, mas tem também um profundo respeito, uma profunda honestidade do pesquisador de dizer aquilo que você quer de fato. Não aquilo que você coloca nos objetivos do seu projeto de pesquisa.

**Telma:** Dentro desse enredo que você contou pra gente, desses sujeitos a quem nós damos visibilidade nesses nossos trabalhos, qual a importância desse tema, não só pra você, mas para a Universidade, no momento de hoje? Dentro dessa discussão de perda de direitos, da desregulamentação, da precarização, hoje uma característica da revolução 4.0, que é uma uberização, quando não há vínculo nenhum do trabalhador com a empresa. Como o é que você vê a importância disso nesse momento?

**Luiz:** Eu queria retomar só uma coisa que eu acabei não falando, que é o seguinte: como é que a gente se relaciona com os sujeitos? O Michael Frisch fala da “autoridade compartilhada”, como a gente pensa hoje na nossa Universidade. Quer dizer, quando eu comecei a fazer essa pesquisa, foi um embate pela história e por metodologia de história aqui na universidade, porque o forte do período aqui na universidade, aqui na UESC, era uma história regional, uma história que falava das elites do cacau, uma história que falava da produção do cacau, não só da perspectiva histórica, como da perspectiva econômica, muito forte. Então,

**Então, esses textos, essas questões colocadas, as nossas experiências nesse momento da entrevista se cruzam. Esse é um momento riquíssimo. Então, como a gente faz? Não tem forma! Não tem receita, não tem metodologia. Tem intuição, mas tem também um profundo respeito, uma profunda honestidade do pesquisador de dizer aquilo que você quer de fato. Não aquilo que você coloca nos objetivos do seu projeto de pesquisa.**

eu comecei a falar de outros sujeitos, que não estão debaixo dos pés de cacau. Até estão, nessa complexa rede, que é a lavoura cacauzeira. Bom, a gente começou a perceber que esses agricultores rurais foram migrando, perdendo as roças ou deixando de ser meeiros porque as fazendas faliram e foram ocupando as áreas do mangue. Então, esse grupo é do Teotônio Vilela. Tem outro grupo de pescadores, que era de São Miguel, mais ao Norte de Ilhéus, que já veio com a intenção de criar uma comunidade de pescadores. Isso na década de 20/30 do século passado. Então, a gente começou a ver esses sujeitos na mesma categoria, de pescadores artesanais com diferentes histórias, diferentes trajetórias de vida.

Então, quando a gente fala: “Como a gente pode lidar com isso, como a gente pode lidar com isso na universidade? Quais são as escolhas que nós fazemos?” Foi uma busca tanto da gente romper um pouco com a perspectiva da história regional que era colocada, inicialmente, quanto da gente construir outras formas de história, outras histórias, muitas histórias. Como a gente vai buscando isso? Como a gente vai procurando esses sujeitos? É um percurso que a gente vai Tateando. Tem a discussão bibliográfica, que é importantíssima, que é fundamental a gente ir buscando as referências, afinal de contas, nós fazemos História, fazemos ciência. E quando a gente foi buscando esses sujeitos, querendo trazer esse debate para a universidade, e quando a gente está querendo trazer esse debate para a academia, a gente percebe resistências, porque enquanto esses sujeitos são pessoas que nos fornecem informações, eles são ótimos. Quando esses sujeitos começam a nos fazer questionar nossas próprias certezas, as nossas metodologias, sua própria visão de perceber a história, aí eles passam a ser sujeitos do próprio conhecimento também. Então, são sujeitos históricos no duplo sentido, em que eles fazem a história, em que eles também nos fazem questionar a História que nós fazemos. E fazer com eles é difícil!

Quando eu terminei o doutorado, eu pensei “eu vou lá. A gente vai voltar. A gente tem que trabalhar com cooperativismo, educação cooperativa etc., etc.” Aí, fui me aproximando de alguns grupos, com o pessoal que trabalha com a questão do trabalho nas comunidades, e fomos lá! Voltei. Terminei o doutorado, agradei, fui lá na comunidade etc. e tal, e fizemos um outro contato. Metade das marisqueiras já não trabalhava mais na mariscagem, a outra metade foi colher algodão no Espírito Santo. Um outro tanto, os filhos estavam envolvidos num processo de violência. A própria comunidade, que

já existia a associação de marisqueira, estava em crise. A associação foi criada pelo grupo da Cáritas. A associação conseguiu construir uma sede no local onde elas moram. A ideia era ter uma câmara frigorífica para poder vender o marisco. Um processo muito difícil porque isso serve para o nosso conhecimento ocidental cartesiano, não serve para a vida cotidiana das pessoas. Então, as marisqueiras precisam se virar o tempo todo. E aí, é o momento de estar aqui, de estar lá, de fazer outras coisas...

A gente teve um retorno. Eu consegui um contato com elas e disse: “vamos apresentar o trabalho, agora, ao invés de eu somente apresentar a tese, vou chamar um grupo de marisqueiras para apresentar as histórias de vida delas. Aí, foi um terceiro momento. Foi um momento que as marisqueiras vieram à universidade. Aí, foi muito simbólico porque é um projeto do Laboratório de Ensino de História e Geografia (LAHIGE). Uma colega tinha recém chegado do doutorado e começado a apresentar a pesquisa aqui e ali e ela diz: “Blume, me apresenta a sua pesquisa!”. Eu disse: “Ótimo, quero fazer diferente, eu quero apresentar junto com as marisqueiras!”.

Aí, articulei. Começa assim: - Dona Tertulina? Não está mais nesse telefone. Vamos na casa dela. - Ah! Estou aqui. - Dona fulana? Foi para o Espírito Santo colher algodão. E a outra pessoa? - “Ah, está aqui, mas o telefone mudou!” Aí conseguimos quatro ou cinco marisqueiras para vir para a UESC. E simbolicamente não existia espaço no auditório da universidade no dia. E aí a gente ficou “poxa, e agora?” Já arranjamos a van, o motorista, o lanche, autorização para buscar, o RG das pessoas, todo esse processo e não vai acontecer? Aí uma colega articulou: “Não! Vamos conseguir o auditório do Conselho Universitário, auditório da Reitoria!”. Eu falei: “Ótimo!” Aí, fizemos uma apresentação, coloquei o nome *Workshop Tradições de marisqueiras em Ilhéus*, e apresentei o filme. O filme que a Jaqueline fez, que foi o trabalho de conclusão de curso dela. Aí foi que eu percebi: quatro anos depois, foi a primeira vez que dona Tertulina tinha visto o filme. Ela foi parte do filme e não tinha visto. E assim, a forma, o jeito que eles veem, os olhares, o riso... Gente, foi muito bom! Pode não acontecer mais nada, mas minha consciência aqui, uma parte dela já está paga, porque o fato das marisqueiras virem aqui na Universidade, se assistirem... a gente devia ter passado o filme para elas. Se não, a gente faz o trabalho, vai embora e tchau!

Aí, foi mais interessante que elas falaram. Quem tem que falar são elas! Fizemos uma mesa, fui só o mediador e elas falaram no salão nobre da Universidade para três turmas de alunos. E uma colega do curso de Pedagogia, Flávia Alessandra, também se interessou. Aí, as alunas fizeram uma atividade. Fomos lá de volta, fomos mais duas vezes lá na comunidade, lá no Mambape. Foi no primeiro momento interessante, que a minha ideia era a gente criar uma educação comunitária, cooperativa, mas isso ficou no sonho ainda. Mas essa ideia delas virem até a universidade, delas falarem... Depois da Universidade, alunos da Pedagogia retornarem ao Mambape... Depois os alunos de Pedagogia levaram as crianças para fazer parte da oficina que foi a finalização da disciplina com a professora Flávia Alessandra, eu senti que isso seria o ideal da gente conseguir fazer sempre na Universidade. Porque você transforma as pessoas numa ideia realmente de igualdade. Nós temos conhecimentos, temos diferenças, temos funções e oportunidades diversas, mas que a gente pode se encontrar. De alguma forma, em algum momento a gente pode se encontrar e conversar, se conhecer. Acho que esse é um elemento importantíssimo!

Não falei de uberização porque o processo de mariscagem é um processo muito mais precário, não daria nem para chegar qual grau, qual nível de precarização. Só lembro que nesse processo de ir e vir, a Secretaria de Promoção da Igualdade Racial também, a partir da colônia de pescadores, se interessou. De repente as marisqueiras começaram a aparecer. Aí, a Secretaria fez um vídeo sobre as condições de vida das marisqueiras. Mas foi um vídeo horrível porque mostrou só as condições péssimas de moradia e de trabalho. As mulheres saem às quatro horas da manhã, andam meia hora dentro do mangue, dentro da mata, pegam um barco, arrastam esse barco no meio do mangue. Depois têm que atravessar um rio para chegar num local chamado Coroa, e quando a maré está baixa, os sedimentos aparecem e elas fazem a mariscagem. É um processo muito difícil. Mas elas disseram assim: “foi com isso que eu criei meus filhos e é com isso que os meus filhos vão continuar sobrevivendo”. É essa a lição, quer dizer, “aqui está meu futuro”. A maioria delas dizia isso para mim: “aqui está o meu futuro, a garantia da sobrevivência da minha família, porque eu digo pros meus filhos, ‘como é que vai ser?’ Vai ser com a mariscagem! Eu criei vocês, vocês vão criar os seus filhos. E assim, vamos garantir o futuro da nossa família, através da mariscagem, através do mangue”. Aí, é um dis-

curso que não é ecologicamente correto, mas na consciência prática, na linguagem de preservar o ambiente, não um discurso fácil, do politicamente correto, do ecologicamente correto, que serve para os resorts criarem espaços reservados para milionários passarem as férias, como o resort aqui do Itacaré, Txai Resort e outros mais. Não é essa a noção de ecologia, mas a ecologia da consciência prática, da linguagem, quando elas falam, dos modos de vida, das tradições, da necessidade da preservação do ambiente.

Dona Rosimeire dizia assim: “Quando eu pego um siri e eu vejo que é uma fêmea, eu jogo de volta, porque ali tem 30/40 filhotes, bichinho que vai nascer! Então, se eu tô colhendo uma fêmea, eu vou matar o futuro dela, eu vou matar a minha própria pescaria. Então eu devolvo para o mar”. Então, essa dimensão ecológica é fundamental! É importante e é da consciência prática aliada com os conhecimentos que elas têm da escola. Aí, dona Rosimeire dizia assim: “é o habitat delas!” Foi muito engraçado a forma como ela trouxe isso! Foi um comentário da banca: “Olha só! Ela pega isso, que é um conceito da ciência, e transforma! Ela traz isso para a realidade concreta dela: ‘quando pego uma fêmea, eu devolvo porque ali tá o meu futuro’”. Então acho que é isso, é muito importante essa dimensão com a natureza, da relação com o meio ambiente que elas têm.

**Telma:** A Cosma está informando aqui que o dia 22 de dezembro é dia da marisqueira. É isso?

**Luiz:** Olha só! isso aí eu vou anotar, que eu não estava sabendo, não! [Risos]. Diga aí, você descobriu isso onde?

**Cosma:** Eu fiquei curiosa quando estava lendo a sua tese e eu fui pesquisar como está o cotidiano dessas marisqueiras, alguma notícia sobre as marisqueiras atualmente. Então, é isso, um político, cujo o nome eu não estou lembrada agora, propôs esse projeto de instituir um dia da marisqueira e foi escolhido o dia 22 de dezembro<sup>8</sup>. E ela fala justamente isso, pelo fato dele ser filho de pescadores, de marisqueira, ter família nessa realidade. Mas a gente sabe que isso também é resquício da nossa pesquisa, da visibilidade que as nossas pesquisas deram a essas mulheres, de alguma forma é um retorno para elas, essa valorização do seu conhecimento.

8 Projeto 23.612/2019, de autoria do Deputado Jurailton Santos, que instituiu o dia 22 de dezembro como o “Dia Estadual do(a) Marisqueiro(a)”. 105ª Sessão Ordinária da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 16 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://www.al.ba.gov.br/fserver/imagensAlbanet:PDFsSessao:Splena161219105aOrd.pdf>. Acesso em: 20 maio 2020.

**Luiz:** Tomara!

**Cosma:** Vou aproveitar que eu pedi a fala agora. Como você vê a questão das mulheres, das marisqueiras hoje? No ano passado, a gente viu a questão do derramamento de óleo, então, como isso afeta essa população? Ao mesmo tempo em que foi vetado o direito dessas mulheres à preferência ao receber a indenização do governo quando atingidas com o desastre, seja ele causado pela ação humana ou natural. Queria que você comentasse um pouco sobre isso, sobre a questão das marisqueiras e os direitos hoje.

**Luiz:** Então, quando a gente estava conversando com elas, a perspectiva da questão previdenciária estava muito forte porque estava ainda começando esse processo. Não estava nem se discutindo a reforma da previdência, mas o direito à aposentadoria era uma reivindicação muito presente entre elas. Tem toda uma questão, inclusive porque elas são consideradas trabalhadoras rurais, a mesma categoria de trabalhadores rurais. O processo agora de derramamento de óleo atingiu fundamentalmente as mulheres marisqueiras e pescadoras, tanto é que muitas desistiram de vez, abandonaram de vez a mariscagem. Aquelas que conseguiram se aposentar. Não foi o aspecto de atingir diretamente o mangue, mas foi o aspecto simbólico de ninguém mais querer comer marisco, nem peixe. Então o pescado perdeu o preço e as pessoas tiveram medo de comer, porque realmente as cenas... saiu no jornal, em todos os lugares, para todo mundo ver. E o pior, onde que esse óleo foi parar? Foi parar no mangue! Esse é um processo que ninguém estudou ainda: os impactos da degradação ambiental, de fundo. Esse é um trabalho que deveria ser feito, que a gente nas universidades deveria estar puxando, deveria estar chamando atenção, mas como eu disse, simplesmente...

Existia um grupo de pesquisadores que estavam tratando com as colônias sobre a organização da cadeia produtiva do marisco. Esse grupo se desfez também, até porque tinha um entendimento, de que era chegar lá na comunidade, apresentar a fórmula, o método etc. Eles iam imediatamente aplicar esse método, aí, teria um resultado, não sei se imediato, mais objetivo sobre a aplicação desse método, de uma organização racional da cadeia de mariscagem. Primeiro, que as marisqueiras não tinham água encanada para fazer a lavagem dos mariscos. Então, é um processo todo que vai des-

de a questão sanitária a questões de educação, de hábitos. O que é lavar as mãos? Estamos vendo aí na pandemia: “Oh! Temos que lavar as mãos”. Tem comunidade que não tem água encanada, e aí? Então, esse processo da lama no mangue já aconteceu antes, na maré vermelha, em 2007, que atingiu todo o litoral Sul da Bahia. O litoral Sul da Bahia, de Sergipe, Aracaju até o litoral Sul da Bahia. A maré vermelha, em 2007, praticamente acabou com a população de caranguejo. Esse processo agora, do óleo, também no mangue, afetou diretamente e a gente não tem um estudo mais profundo, uma pesquisa mesmo, que não poderia ser só de uma universidade, teria que ser de várias universidades, estudar esse derramamento de óleo. A gente viu, há um mês, aparecerem manchas de óleo no litoral Norte da Bahia, ainda resquícios daquela primeira onda. E olha que não é aquela quantidade enorme que a gente viu, mas são partículas de óleo, que não são invisíveis a olho nu! Que as pessoas foram coletando e deu quilos, aqui em Imbassaí, no litoral Norte da Bahia. Então, esse processo de degradação ambiental é muito duro, que atinge diretamente essas comunidades de marisqueiras. Aí, o que acontece? Elas acabam abandonando parte da atividade de mariscagem, que é muito difícil, e vão buscando fazer esse serviço de doméstica, vão trabalhar na colheita. Aqui tem uma migração, até antes da pandemia, para o Norte do Espírito Santo, para a colheita de algodão. Então, esse grupo de marisqueiras estava indo pra lá.

Também tem um processo aqui em Ilhéus da construção de mega empreendimentos, rodo-ferro-marítimo-portuário, que é a ferrovia Oeste-Leste, que está vindo lá de Tocantins, de Figueirópolis, e termina aqui em Ilhéus, com a construção de um mega porto, que vai ficar alguns quilômetros da costa, mas ele é o porto que vai ter o seu depósito em uma área de proteção ambiental, na Lagoa Encantada, e que entre outras coisas, vai ser um porto para receber o urânio que vem de Caetité. Então, assim, a questão ambiental é um problema sério que atinge vidas diretamente, ecossistema e também pessoas que vivem dessa produção artesanal da pesca.

**Jerfson Lins (SertãoCult):** O senhor poderia nos dar alguns conselhos, orientações e cuidados que os pesquisadores devem ter ao pesquisar essa determinada temática, que é a do trabalho, e principalmente das comunidades tradicionais? Quando você ingressa na vida das pessoas, sendo um *outsider*, sendo um verdadeiro estrangeiro naquele mundo, quais são os cuidados que você tem que ter?

**Luiz:** Eu acho que a gente primeiro tem que ser honesto com as pessoas. Dizer o que a gente quer realmente, e não aquilo que está nos objetivos da pesquisa, aí as pessoas vão saber se elas vão dar o tempo delas para a gente ou não. Pensando numa história social do trabalho, é uma discussão num campo minado, campo em disputa. Vamos buscar aqui o que o Thompson chama de *experiência*, da experiência dos sujeitos. Eu parto desse princípio, eu parto daquela ideia que os sujeitos retornam como sujeitos plenos a partir do conceito de experiência social do Thompson. Não resolve tudo, mas é um bom começo. Segundo, se a gente for trabalhar na perspectiva da História Oral, aquele ensinamento do Portelli, “vamos buscar um *experimento em igualdade*”. E pensar também que a História Oral é um trabalho de relação. Não é a mesma coisa da gente fazer uma entrevista desse tipo, por videoconferência. É uma outra história, quer dizer, é o olho no olho, é estar perto, junto com a pessoa. E essa expectativa que a gente cria, é bom tomarmos bastante cuidado.

Algumas vezes, as marisqueiras diziam assim: “você não é da universidade?!” Eu dizia: “Sou!”. “A gente tá precisando de um computador aqui, na sala de aula.” Eu dizia: “Oh, minha filha, eu não tenho computador! Na minha universidade, eu não tenho sala.” Se eu dissesse isso, ia dizer, “esse cara é ranzinza, esse cara é canguinha”, mas não tinha mesmo! Na época, eu não tinha nem computador dentro da Universidade. Estava afastado. Não tenho nem sala, nem nada! As pessoas acham que a gente vai lá... “eu tô dando meu tempo, meu espaço, minha vida, contando minha vida pra esse cara. Esse cara é da universidade, lá tem tudo!” O imaginário que as pessoas têm da universidade é que lá tem tudo: laboratórios, sala de aula, todo mundo anda de carro. Então, o que ele vai trazer pra gente? Então, qual o retorno que a gente vai dar?

Em primeiro lugar, quando você acabou sua monografia, seu TCC, sua dissertação, sua tese, volte até o lugar onde você fez a pesquisa. Eu demorei a voltar e fiquei muito chateado. Eu fiz a última entrevista em 2008, defendi em 2011 e retornei lá só no final de 2012. Então, assim, o cenário tinha mudado! Esse diálogo, essa conversa, esse sentido ético, que é muito diferente de um termo de consentimento livre esclarecido. Eu sei que é obrigatório, tem que ter, mas é o sentido ético. Como nós vamos mostrar aquelas pessoas? Que imagem nós vamos mostrar daquelas pessoas? Porque senão, se a gente não tiver a primeira intenção de mostrar o melhor daquilo

**Esse diálogo, essa conversa, esse sentido ético, que é muito diferente de um termo de consentimento livre esclarecido. Eu sei que é obrigatório, tem que ter, mas é o sentido ético. Como nós vamos mostrar aquelas pessoas? Que imagem nós vamos mostrar daquelas pessoas? Porque senão, se a gente não tiver a primeira intenção de mostrar o melhor daquilo que eles têm, como diz Yara Khoury, se a gente não incorpora com legitimidade as narrativas e as demandas dos sujeitos, quando a gente voltar, a gente vai voltar com aquilo que a gente não prometeu para eles. A gente tem que ser honesto, a gente tem que saber que estamos incorporando a história desses sujeitos.**

não, mas até a gente faz isso, a gente acha que tem experiência, chega lá na hora da entrevista, cadê a pilha do gravador? Acabou a pilha! Hoje a gente grava em qualquer celular, a gente grava muito bem, mas na época, ainda não era assim. Então, a gente tem que fazer esse treinamento. Um roteirinho de perguntas é importante, pensando que o roteiro não é uma camisa de força, mas um caminho para a gente começar a conversa. Eu

que eles têm, como diz Yara Khoury, se a gente não incorpora com legitimidade as narrativas e as demandas dos sujeitos, quando a gente voltar, a gente vai voltar com aquilo que a gente não prometeu para eles. A gente tem que ser honesto, a gente tem que saber que estamos incorporando a história desses sujeitos. A gente tem que perceber também que, muitas vezes, e é bom que aconteça isso, essas pessoas desfazem as nossas certezas teórico-metodológicas, epistemológicas, pois aquilo que está no projeto de pesquisa pode mudar a partir do diálogo, a partir desse encontro desses mundos, que é o nosso mundo com o mundo deles. Isso vale para sapateiros, para trabalhadores rurais, para pescadores, para cientistas, médicos e advogados.

Nós temos objetivos na nossa pesquisa, sejamos honestos com eles e com as pessoas que nós entrevistamos, para que a gente possa dar um recado, o mais fiel daquilo que foi esse encontro. Essa é a questão. A gente pensar no retrato, na verdade desse encontro, como é que foi esse encontro da entrevista. E é claro, não esquecer de fazer o treinamento com o gravador, botar pilha, fazer o roteiro, porque às vezes a gente pensa que

acho que é importante também a gente tentar se aproximar, mas saber que quanto mais a gente se aproxima da história de vida das pessoas, daqueles sujeitos, elas também podem se aproximar da nossa história de vida. Se as pessoas estão se abrindo para a gente, nós também temos que, na medida do possível, nos abirmos para elas. Se não, vai ser um encontro desigual, esse é um elemento pra gente pesar.

E por último, nunca desligue o gravador, como dizia o Portelli *[risos]*. Porque a história de nunca desligar o gravador? Teve uma dessas entrevistas com a dona Rosimeire (só para fechar mesmo). Estávamos conversando, conversando... Naquela parte técnica, eu fiquei meio frustrado, conversando, e tal, tal, tal. Aí, ela me contou uma coisa inusitada, de que ela morava naquela casa de pescadores, de pau a pique e que apareceu um jacaré na cama dela *[risos]*. O que seria fantástico! Revelou toda uma dimensão de pobreza, mas de resiliência e de sobrevivência. E depois ela me contou como foi que ela começou a estudar, paga por uma prostituta. Quer dizer, uma prostituta pagou os estudos dela, pagou livro, pagou caderno, pagou escola. Aí, ela foi se abrindo mais, contando aquela história, foi se abrindo mais. Aquela história foi se enchendo de humanidade. Por que? Porque eu não desliguei o gravador, deixei a coisa ali rolar e estava quase indo embora. Já deu oito horas, já está na hora de ir embora, o ônibus vai passar. E a história de nunca desligue o gravador, nunca desligue o gravador mesmo! Só desligue quando você entrar no seu ônibus para voltar para casa *[risos]*.

**Telma:** Muito bem! Que riqueza essas histórias e essas narrativas assim, que nos impulsionam muito a continuar exatamente com essa nossa prática, que é uma prática muito aberta e dá visibilidade de dialogar e de entender mesmo que são várias histórias e muitas memórias, que a gente tem que ir ultrapassando fronteiras,

**Eu acho que é importante também a gente tentar se aproximar, mas saber que quanto mais a gente se aproxima da história de vida das pessoas, daqueles sujeitos, elas também podem se aproximar da nossa história de vida. Se as pessoas estão se abrindo para a gente, nós também temos que, na medida do possível, nos abirmos para elas. Se não, vai ser um encontro desigual, esse é um elemento pra gente pesar.**

para que a gente possa dar valor a tudo isso. A gente agradece muitíssimo, Professor Luiz!

**Luiz:** Agradeço muito à Telma, a vocês pela paciência. A gente passou um pouquinho do tempo, mas eu queria agradecer muito porque acredito que esse diálogo é muito importante. E eu estou com vontade. Eu quero conhecer Sobral. Esse Sertão do Ceará. Porque a gente tem que sair das capitais e ir para os interiores buscar essa ciência que está sendo feita aí. E bem feita, nas universidades do interior.



## Entrevistadores

**Cosma Silva de Araújo** - Graduada em História- UVA. Mestre em História e Culturas- UECE. Graduanda em Artes Visuais pela Universidade Estadual do Ceará - UAB. Servidora pública.

**Fannuel Santos Mesquita** - Graduado em História-Licenciatura pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.

**Joannes Paulus Silva Forte** - Graduado em Ciências Sociais na modalidade Licenciatura pela Universidade Federal do Ceará (UFC) (2004), em Ciências Sociais na modalidade Bacharelado pela UFC (2004), mestre em Sociologia pela UFC (2008) e doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) (2019) com cotutela no Département Droit, Intervention Sociale, Santé, Travail (DISST) do Conservatoire National des Arts et Métiers (CNAM-Paris-França). É Professor Adjunto J da Universidade Estadual Vale do Acaraú. É docente do quadro permanente do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (ProfSocio), na associada UEVA.

**Viviane Prado Bezerra** - Professora Assistente do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense (Dinter UFF/URCA). Mestra em História Social pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Graduada em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Está vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisas de História Oral do curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, atuando nos campos de pesquisa de História Social, com ênfase em Movimentos Sociais, Camponeses, História das Mulheres, História Oral e História da Educação.

Editora  
**SER  
TÃO  
CULT**  
10 anos

Este livro foi composto em fonte Swis721 Cn BT, impresso no formato 15 x 22 cm em offset 75 g/m<sup>2</sup>, com 274 páginas e em e-book formato pdf.  
Maio de 2024.

Série  
Território  
Científico

Editora  
**SERTÃO:  
CULT**  
10 anos

Uberização, gênero, trabalhadores tradicionais, trabalhadores da terra, o sindicalismo, desigualdades, diálogo, pesquisa, capitalismo, empatia. Cada uma destas palavras-chave é fundamental para aqueles que têm interesse pelos estudos acerca do mundo do trabalho. Mais ainda: são temas fundamentais para cada um de nós, trabalhadores, inseridos em uma sociedade em constante transformação, nem sempre (ou quase nunca) para melhor.

Pensando nisso, a série Território Científico uniu neste seu 5º volume entrevistas com 11 pesquisadores que se dedicam há anos ao mundo do trabalho e aos trabalhadores. Para melhor conhecermos nossa sociedade, nada melhor do que conhecermos aquilo que a move: o trabalho. Por isso convidamos vocês, caros leitores, a refletirem conosco sobre nossa realidade, que é primeiro passo para que possamos tornar essa transformação mais justa.

ISBN 978-655421130-7



9

786554

211307

Editora **SERTÃO:  
CULT**